

XI Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía

www.udc.es/congresos/psicopedagogia

SEDE: Facultade de Ciencias da
Educación Campus de Elviña
Universidade da Coruña

DATA: 7, 8 e 9 de setembro de 2011



UNIVERSIDADE DA CORUÑA



Universidade do Minho

ORGANIZADORES

Alfonso Barca Lozano, Manuel Peralbo Uzquiano, Ana Porto Rioboo,
Juan Carlos Brenlla Blanco, Bento Duarte da Silva, Leandro S. Almeida

O LUGAR DA SABEDORIA NA ESCOLA ACTUAL

Artur Manso

Universidade do Minho — IE

Braga — Portugal

amanso(h,ie.uminho.pt

RESUMO

Com esta comunicação pretendo reflectir sobre o lugar da Sabedoria no mundo contemporâneo face à crescente tecnologia, na esperança de contribuir para que a escola, sem desprezar a tecnologia que se mostra imprescindível no mundo de hoje. possa. também, promover a Sabedoria. Para tanto irei considerar a interligação das seguintes questões: 1. Que lugar desempenhou o conhecimento sapiencial no desenvolvimento das sociedades/culturas?; 2. Nesse progresso. que vias foram privilegiadas na realização da Sabedoria?: 3 Na actualidade como é que a educação escolar promove a Sabedoria?

Palavras-Chave: Educação — Tecnologia - Conhecimento - Sabedoria

"A sabedoria ilumina o rosto do homem e modifica a dureza do seu aspecto"

Eclesiastes, 8. 1.

"Na muita sabedoria há muita arrelia, e o que aumenta o conhecimento aumenta o sofrimento"

Eclesiastes. 1. 18.

"Quem não sabe prestar contas de três milénios permanece nas trevas ignorante, e vive o dia que passa".

Goethe

1. A sociedade, nos seus esquemas interpretativos. muito tem reflectido sobre o papel do ensino/educação no progresso dos indivíduos e bem estar dos povos. Nos livros sapienciais e apologéticos das religiões o tema é abundantemente tratado em consonância com a longa tradição cultural do ocidente e oriente. Aqui, por razões de espaço. reduzirei a minha reflexão em torno da educação e Sabedoria, à tradição cultural do ocidente.

No início era pela oralidade, pela palavra, que se transmitiam e fixavam as linhas fundadoras das civilizações e culturas. A Sabedoria estava associada à maior ou menor capacidade de interpretar esses ensinamentos e torná-los *comuns* à generalidade dos indivíduos e das sociedades a que se dirigiam. A Sabedoria radicava na memória e na respectiva capacidade de "ler" e interpretar os símbolos e sinais em que assentavam as principais narrativas, revelando-se no justo equilíbrio entre as acções praticadas e o horizonte em que decorriam. O veículo de transmissão do conhecimento baseava-se na educação dos povos. mesmo que ainda longe do longo período de escolarização que hoje conhecemos no mundo ocidental, ao qual são sujeitos todos os indivíduos de uma mesma comunidade.

O tempo, para a reflexão que o ócio permitia a alguns. instituiu-se como que em escola e, fruto desse vagar, começaram a surgir construções racionais cada vez mais elaboradas sobre a existência e o lugar que nela o homem ocupa. Com o exercício da racionalidade o que se afirma ou nega. deixa de se poder transmitir como uma simples história herdada e modificada por cada um. As narrativas que fazem parte do património civilizacional tendem a perder-se no tempo e a racionalidade começa a privatizar a gramática das interpretações de tudo aquilo que rodeia o homem.

As divindades foram-se ausentando das relações humanas e a Sabedoria que por cá deixaram, às primeiras contestações racionais, deixou de poder contar com a defesa directa dos seus progenitores. isto é, os feitos divinos em que se sustentavam.

A revisão racional do conteúdo mítico foi a primeira cisão no monopólio da Sabedoria que agora se alargava a vários campos e vastos horizontes. Progredia-se no conhecimento da humanidade sem deixar de considerar o legado anterior, antecedente fundamental e fundante do desenvolvimento verificado e por isso plenamente integrado nas novas realizações. E assim continuaria a ser.

Estranhamente, a desconsideração e por vezes a ridicularização do legado dos antepassados. começou a ser uma prática corrente aquando da democratização/massificação do ensino no mundo ocidental, talvez porque a Sabedoria não é, nem nunca foi, conhecimento (embora também o inclua) e as fortes máquinas escolares de ensino/educação na génese das quais radica a circulação do conhecimento, têm-se constituído como o primeiro obstáculo à difusão da Sabedoria. Como nos lembra Harold Bloom, já no século XX! "Os intérpretes da natureza são hoje os biofísicos e não a gente de letras" (Bloom, 2008: 158) e tal como, citando Blake (1757-1827), nos esclarece logo a seguir, nos tempos que correm "A sabedoria vende-se no mercado aberto onde ninguém vai comprá-la. ou no campo exausto que o camponês em vão lavra para ter pão" (citado em ib.: 158). A procura da Sabedoria nunca foi tarefa que agradasse à maioria dos indivíduos, mesmo que essa demanda tenha ocupado os homens e as mulheres mais brilhantes da nossa civilização. Blake, como tantos outros, verifica apenas que a evolução da

sociedade e da cultura não tem sido favorável á promoção da Sabedoria tal com se pode constatar através de um excuro. ainda que abreviado, pela História da Cultura Ocidental.

Xenófanes (séc. VI-V a. C.) lembrava "melhor do que a força dos homens e corcéis é a nossa sabedoria [...i não é justo preferir a força à notável sabedoria" pois é a Sabedoria e não a força que "enche os cofres da cidade" (Pereira. 1982: 120). No mesmo período de tempo. Demócrito (séc. V a. C.) aconselhava a que se entendesse a Sabedoria como um bem universal: "O sábio pode andar por toda a terra; pois a pátria de urna alma boa é o mundo inteiro" (ib.: 237).

De uma forma provocatória, anteriormente, Tales de Mileto nos finais do século VII. **começos do séc. VI a. C., já tinha ironizado sobre os que desdenhavam da Sabedoria/conhecimento.** Reagindo à censura que com frequência era vítima por causa da sua pobreza material que os seus detractores sustentavam com o argumento de que a filosofia não servia para nada, conta-se que previu pelo estudo dos corpos celestes unia excepcional colheita de azeitona. Em consequência arranjou dinheiro suficiente e arrendou por uma baixa quantia a maioria dos olivais de Mileto e Quios. Quando, de facto, se percebeu que o ano proporcionaria uma colheita fantástica, Tales vendeu a sua posição a preço elevado, obtendo grandes lucros. Com este procedimento pretendeu, apenas, mostrar àqueles que o atacavam por ser filósofo que estes poderiam enriquecer facilmente, se assim o desejassem, contudo acreditava não ser este o principal interesse de um verdadeiro filósofo. Com esta atitude, o filósofo de Mileto, também punha em evidência que a Sabedoria não é inimiga da acção (cf. Kirk & Raven. 1982: 74).

Na posse de um pensamento mais estruturado, Platão fortemente influenciado pela acção do seu mestre Sócrates que deixou o exemplo de como a Sabedoria se revela na acção e que a Virtude se identifica com a Sabedoria ou conhecimento, discorre sobre o tema no *Górgias* 507e-508a. atribuindo ao homem a Sabedoria e a Temperança, acrescentando que a Virtude é aquilo que o torna apto a viver hem isto é. a ser feliz. A virtude não pode ser desprezada pelo simples facto de não ser remunerada, pois ela, como faz notar no *Banquete*, 209a. é um acto de amor, ou seja, é promotora de união e confunde-se com a Sabedoria e a Verdade.

O Cristianismo, com uma forte base platónica. alongará a reflexão desta matéria em torno das quatro virtudes cardiais: Fortaleza e Temperança (que se ligam ao carácter) e Prudência e Justiça (intrinsecamente ligadas à acção). Refira-se que em Platão a Temperança e a Justiça eram temas recorrentes da sua reflexão, a que associava a Amizade e a Ordem.

Mas a Sabedoria mesmo que na sua essência não possa ser ensinada, a educação e o ensino põem-nos mais perto dela, tal como Protágoras. expoente máximo dos Sofistas. no séc. V a. C. já tinha lembrado ao referir que "o ensino requer dotes naturais e prática. Deve começar-se a aprender em novo" (Pereira. 1982: 257). Desígnio que Aristóteles (384 a. C.-322 a. C.) traduz em poucas palavras na *Hetafisica*, 980a, quando escreve que ""Bodos os homens têm o desejo natural de saber". Também o romano Enio (séc. 111-11 a. C.) ao escrever "A *sophia*, a que

chamam *sabedoria*, ninguém a viu em sonhos, antes de começar a aprendê-la" (Pereira. 1994: 9) faz eco da necessidade de cultivar a Sabedoria através de uma busca persistente, onde o ensino e a instrução não deixam de ter um papel a desempenhar.

A Sabedoria para os antigos consistia, assim, na exacta compreensão daquilo a que chamamos mundo e o sábio revelava-se quando descortinava essa ordem e a integrava no entendimento total da existência.

2. A sabedoria enquanto conhecimento profundo e aprofundado da civilização e da cultura começou a cair em desuso à medida que os votos do ideário iluminista se instauram como fundamentais na organização da sociedade ocidental. A liberdade, a igualdade e a fraternidade, só por si, pouco acrescentavam à organização social, aias as promessas de uma vida melhor como resultado do crescente progresso que então se ia afirmando, elevava o estatuto do conhecimento e tornava a explicação científica da realidade na base do juízo sobre todas as coisas, na proporção inversa em que relegava ao quase puro esquecimento o saber milenar que os mitos, os ritos, as alegorias... tinham ajudado a perpetuar.

O espaço de afirmação da ciência começou a ser directamente proporcional à vontade de ignorar ou fazer esquecer por completo todas as outras formas de configurar a realidade. Os cientistas, ao contrário dos esquemas dos mitos que relatavam a dor e a angústia ante os fenómenos do quotidiano, evidenciando a precariedade da condição humana, foram prometendo a conquista definitiva da vida imortal pela capacidade absoluta de, pelos avanços científicos se erradicar definitivamente a doença, o envelhecimento e até mesmo a morte.

No mínimo, aceitavam a configuração poética da realidade, salvaguardando, contudo, que os poetas com as suas metáforas nada mais faziam que criar mundos imaginários, destituídos de toda e qualquer capacidade de intervir no progresso da humanidade. De forma acelerada, a imaginação, foi-se tornando em serva absoluta do poder discricionário da razão.

A ciência passou a mover o mundo e as transacções comerciais começaram a valorizar os seus produtos. A escola oficial tornada obrigatória por desígnio dos Estados centralistas, passou a ser o instrumento mais útil ao progresso da humanidade. Os seus proponentes, para que não se desprezasse a instituição então criada, depressa fizeram depender o bem estar individual e colectivo do conhecimento por ela transmitido. O tempo passa a ser um bem escasso e, em consequência, surge a necessidade de introduzir nos currículos escolares apenas aquilo que pode fazer "ganhar" tempo. isto é, aqueles conhecimentos que se reproduzem na sociedade e dão àqueles que os possuem a possibilidade de ter unia vida melhor, entenda-se mais bem remunerada.

A ciência e a tecnologia absorveram a atenção de todos e os outros conhecimentos, literários, artísticos, poéticos, filosóficos... a pouco e pouco foram relegados pelo sistema de ensino oficial para unia situação de subalternidade. A nova mentalidade pedagógica entende que

se a escola é o lugar essencial para o exercício do pensamento, então, que seja para pensar o conforto associado à produção de coisas para alimentar o círculo económico cada vez mais exigente. Pensar no resto, só quando o tempo sobrar, pois os racionalistas, desde Sócrates, pretendem dominar o mundo submetendo-o a uma análise lógica e factual. Há, contudo, uma diferença substancial entre o desenvolvimento da racionalidade e o exercício do pensamento até ao iluminismo e aquela que se criou a partir daí. Foi com o movimento iluminista que a razão passou a assumir-se como totalizadora, pois, em todos os períodos anteriores, as diversas vias de ensino e aprendizagem eram mais informais e livres, não deixando de valorizar outro tipo de conhecimento, mítico, mágico, estético...

O iluminismo instaurou a escola obrigatória e com ela começou a afastar os cidadãos de um contacto directo com as outras formas do saber que não o racional. Querer saber por saber é considerado uma perda de tempo, pois a acumulação de conhecimento não leva a uma transformação directa da vida de cada um. Não podemos ignorar que a Sabedoria, durante milhares de anos, aparece associada ao ócio, prática contrária a uma sociedade que os iluministas queriam instituir onde se privilegiaria a aprendizagem daquilo que tivesse um retorno material junto às sociedades. Com este princípio, para mostrar a razão de ser dos seus argumentos, começa-se a transformar o saber em indústria e a criatividade em comércio, porventura considerada pelos herdeiros das políticas iluministas como a melhor forma de "integrar" aqueles que resistem à escolarização na ordem natural da sociedade que passa a ser dominada pela economia.

Avaliar uns e ignorar outros confrontando gostos e valores, servia na perfeição àqueles que com a escolarização da sociedade não pretendiam deixar nada de fora da nova estrutura escolar. Doravante já não se aprende com os "mestres" pois também estes são aliciados para os quadros das escolas onde têm como missão ensinar como produzir: poesia, literatura, pintura... e o mais estranho é que parece não ser muito difícil convencê-los a ingressar nas novas instituições. Basta promover-lhes as carreiras, acenar-lhes com um estatuto social invejável e a garantia de um lugar privilegiado a ocupar entre os pares.

O desenvolvimento da criatividade deixa, agora, de ser considerado pelo aprimoramento do exercício individual, passando a sê-lo pelas normas das instituições escolares, tornando-se a criação em reprodução e a valorização da mesma dependente dos mestres que sancionam os respectivos currículos e têm o poder discricionário de valorizar uns produtos em relação aos outros.

Doravante elogia-se a obra de alguém, não por aquilo que ela é realmente, mas sim pelo currículo e visibilidade do seu executante, o qual, aliás, coloca em lugar de destaque as classificações obtidas e o suposto renome dos professores que o ensinaram. Desta forma, a escola domestica a produção artística em todos os seus domínios... promete feitos que não pode garantir na exacta medida em que omite qualidades que não está disposta a reconhecer.

Criar fora da escola passa a ser considerado como uma heresia. Ao literato só lhe é consentido escrever após ter conhecimento das regras da escrita, ao poeta só lhe é permitido poetar se adquirir os preceitos a que a sua arte se deve submeter, ao artista plástico só lhe é permitido criar se o seu trabalho estiver devidamente sancionado por algum dos mestres que constam nas listas dos funcionários das instituições escolares oficializadas, ao músico só lhe é permitido compor e interpretar se do seu currículo constar a frequência de alguma escola da especialidade... mesmo aqueles a quem se torna impossível não reconhecer a singularidade das suas criações têm que se submeter ao *cánon* formal se pretenderem ver o seu trabalho aprovado com a autenticidade oficial e o convite imediato para integrar a "estrutura" principal que determina o que se deve e o que se não deve aprender. Estranhamente, raros são aqueles que não se sentem honrados com tamanhas distinções.

Desta forma algo exuberante chegou-se ao tempo actual onde a Sabedoria passou a ser a arte de em cada momento e em dada especialidade, sobressair em relação aos demais. A Sabedoria, como acontecia até à universalização da escola, era resultado do entrelaçamento dos vários tempos e lugares, fruto da interpretação existencial que emergia na concretude do dia a dia. O I- clesiastes lembra a tarefa árdua da demanda pela Sabedoria:

Mas a sabedoria, donde é que ela vem?

Onde fica a fonte da inteligência?

Não se encontra neste mundo.

nem se conhece o preço que ela custa. - (*Ioh. 28, 12-14*)

A Sabedoria não é um bem momentâneo assente em juízos tendenciosos e pouco recomendáveis, que fazem com que uns alcancem a fama imerecida e outros, que verdadeiramente deixam um rasgo de diferença e novidade, sejam postos de parte. A história da humanidade está cheia destes exemplos em que os primeiros vêm esvaír o seu labor com o apagamento da respectiva preponderância social e os segundos serão perpetuados pelas gerações posteriores que lhes reconhecerão a excepcionalidade de uma obra que os seus contemporâneos quiseram desprezar.

A lição da Sabedoria não tem grande elaboração. Para a alcançar, basta seguir os conselhos de Ren Sirá: "Filho, se ouvires com atenção. serás instruído, se aplicares o teu espírito, serás sábio. Se ouvires de boa vontade, receberás a doutrina, e se prestares atenção adquirirás a sabedoria" (*Eclesiástico, 6, 32-33*). É impossível descortinar uma tarefa mais fácil no caminho da Sabedoria. A aprendizagem e o crescimento intelectual, dependem mais da vontade individual do que dos instrumentos usados para a aquisição do conhecimento. Ontem como hoje, na aprendizagem. mais importante que os computadores e toda a tecnologia é a livre disposição de cada um para ouvir e prestar atenção, requisitos prévios para entender aquilo que

lhe é comunicado. A primeira condição para a aprendizagem é o interesse próprio, o livre exercício da curiosidade.

A escola primária, entre nós, antes da revolução de Abril de 1974, sem ainda ser de massas, já era frequentada por muita gente e no entanto os conteúdos e os ensinamentos que veiculava, a autoridade do professor e o papel do aluno, não eram discutidos. Hoje em dia acontece o permanente desprezo pelo saber e o exacerbar do individualismo. Contestam-se currículos e saberes, sem nada ter para colocar no seu lugar, em nome de uma perniciosa liberdade de aprender que a breve prazo transformará o ensino massificado em algo caricato e, naturalmente, relegará por completo a transmissão das grandes narrativas para um sistema alternativo que só uma pequena classe de "curiosos" passará a frequentar. A democratização do ensino promove apenas a legitimação dos herdeiros do saber contemporâneo e, consentidamente, continua a destruir a herança cultural que as políticas educativas ostensivamente ignoram e põe de parte.

3. Os tempos que correm, dos quais quase todos se queixam, o que aliás é apenas uma repetição daquilo que vem acontecendo ao longo da história, trouxeram aos indivíduos várias realizações materiais devidas ao seu maior conhecimento. Com a facilidade de contacto. Internet, *sims*, redes sociais, diz-se que se arranjam muitos amigos mas, paradoxalmente, deixou de se saber em que consiste a amizade. A comunicação é maioritariamente escrita e a distância é total. Mesmo que os indivíduos estejam na mesma sala quantas vezes escolhem enviar mensagens para evitar dirigir-se um ao outro, cara a cara... Estranhamente, a tecnologia que de certo modo apareceu para nos aproximar, tem vindo a alargar o fosso entre os indivíduos, mostrando que a humanidade é cada vez mais "anti-humana". dominada como está desde a sua génese pelo sentimento egoísta. As novas formas de vida, de facto, pouco trazem de novo. Os indivíduos suportam-se por interesse e necessidade, nada mais. A amizade que os une tem por base o instinto da sobrevivência e o bem estar individual.

A história da humanidade mostra-nos que o indivíduo é mais um perseguidor do seu irmão do que um promotor da amizade, da tolerância e da compreensão. O isolamento que as novas formas de comunicação vêm provocando, respondem à tentação egoísta que nos leva, quase sempre, a colocar-nos num patamar superior ao outro que conosco partilha o mesmo espaço e tempo. A sociedade e a cultura são para nós campos de acção que nos dificultam os movimentos em benefício de terceiros.

Mas isto, para além do contexto, também não é novo. Luc Ferry ao discorrer sobre a religião e o materialismo, que cataloga como dois grandes anti-humanismos teóricos, aos quais, bem ou mal, se atribuem importantes realizações no século XX, diz-nos que ambos devolvem o homem à heteronomia, a do divino, a da natureza, tendo retirado o mistério do sagrado

enraizando-o num fundamento primeiro, Deus ou matéria (cf. Conte-Sponville & Ferry, 2000: 26). A dicotomia. pôde, agora, extremar-se e viver o seu ponto mais alto.

De certo modo, esta crua instrumentalização do real, visto enquanto palco de realização do destino humano entendido como um ser que se vai fazendo, poderia. pelo menos, considerar meia dúzia de linhas da carta que Paulo escreve às gentes de Corinto, onde, fazendo o contraponto entre Sabedoria e realizações humanas, apela para a necessidade de reconhecer os limites da nossa acção e a implícita "ignorância" daquele conhecimento que tanto elogiamos: "Onde está o sábio? Onde está o erudito? Onde o argumentador deste mundo? Acaso não declarou deus por loucura a sabedoria deste mundo?" (*ICor.*, 1, 20). Entre o natural e o sobrenatural, entre a perspectiva que tudo podemos e a realidade que nos impede de ser, continua o paralelismo: "A loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (*ICor.*, 1, 25).

A Sabedoria, não é. de facto, uma categoria humana, ou pelo menos não é percebida enquanto tal. Ela é um processo, um caminho, que não coincide com a aquisição de mais informação e desenvolvimento de diversas capacidades para intervir de forma pragmática no real. É um estado para o qual se caminha e do qual não se pode falar porque da sua acção. restam apenas feitos que serão espontaneamente reconhecidos por todos aqueles que os procuram. Obras sem autor nem assinatura. Acções que nos unem uns aos outros pelo reconhecimento dos limites e humildade do trabalho levado a cabo. A Sabedoria é uma realização comum, na qual poderá florescer o nosso empenho. É uma descoberta sobre o significado e o sentido de tudo aquilo que está para além de nós. É por isso que Paulo lembrava: "O que é estulto no mundo Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraco no mundo. Deus o escolheu para confundir os fortes" (*ICor.*, 1, 27).

Provavelmente vivemos uma vida dupla e paradoxal: por um lado estamos convencidos de que o conhecimento/ciência nos ajuda a entender melhor aquilo que nos rodeia e a situar a nossa acção na exacta medida das solicitações da sociedade; por outro lado, não compreendemos porque. apesar de todas as realizações, a nossa subsistência enquanto espécie, continua a ser exterior ao sentimento de cada um. É de facto o indivíduo que permite o progresso, mas, estranhamente, para se realizar. precisa de se entender enquanto participante de uma dada comunidade, sem a qual não terá qualquer possibilidade de sobrevivência.

E neste jogo de querer saber mais com o intuito do reconhecimento individual e afirmação pessoal que a escola actual fomenta a Sabedoria. Os decisores iludem os indivíduos na expectativa de que quanto mais capacidades desenvolverem, maior será a possibilidade de realizações de sucesso e reconhecimento generalizado. Desta forma, a Sabedoria assenta em critérios exteriores ao próprio indivíduo, dependendo em exclusivo da sua capacidade de agir e transformar o mais radicalmente possível a realidade em que age e se desenvolve. Paulo já tinha asseverado que "Se alguém dentre vós se julga sábio à maneira deste mundo, faça-se louco para

tornar-se sábio: porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus" (*ICor.*, 3, 18-19), indicando, desta forma, as debilidades da nossa acção. É claro que esta mensagem está impregnada de um forte carácter ideológico, onde se assume que a luta entre o indivíduo e Deus é um contínuo trabalho de esforço e superação, mas também adverte para o facto de a comunidade enquanto agregação dos indivíduos, continuar a proceder segundo critérios que não a beneficiam nem individual nem colectivamente.

Com certeza que o povo de Corinto não era mais instruído ou educado do que os povos de hoje em dia. Pelo contrário. Sabemos que à época poucos eram os instruídos. Paulo não faz depender a eficácia da sua mensagem do grau de instrução ou do nível de aquisição de conhecimento por parte de cada um, já que se refere a todos da mesma maneira. Não distingue os que eventualmente estão mais preparados pela educação e aquisição de conhecimento, dos restantes, uma vez que acredita que a Sabedoria se revelará a cada um na medida em que se mostrar disponível para a acolher. Na vida quotidiana, quando tratamos da Sabedoria, tendemos a enfatizar aquilo que é contrário à sua natureza, pois ela não se confunde com a posse e o desenvolvimento de qualquer capacidade cognitiva. A Sabedoria não é saber acumulado, mas sim saber revelado na acção quotidiana, mesmo que se oponha à lógica do funcionamento normal da sociedade e nos afaste da regra comum e da norma considerada como a mais válida.

A Sabedoria não se afere por métodos exteriores ao indivíduo mas sim por uma disposição que nos leva a reconhecer numa acção. num comportamento, num gesto... o horizonte onde se juntam todos os contrários, o local onde todas as diferenças se esbatem, a confluência onde a racionalidade e a lógica se revelam insuficientes para uma compreensão cabal do que aí se passa. A Sabedoria deixa a sua marca pelo exemplo e não pela obra, pelo caminho a percorrer e não pela meta atingida, pela imperfeição revelada e não pela perfeição alcançada.

Estes ideais estão longe da escola actual que apenas se preocupa com o fazer, com o desenvolver ao máximo as características cognitivas de cada um com vista a torná-lo útil à sociedade, que mede o sucesso pela realização material e remunera a Sabedoria de acordo com a utilidade do desempenho individual na sociedade em que tem de se integrar. Sem dúvida que o progresso humano tem sido muito e nele os sistemas obrigatórios de ensino e educação têm desempenhado um papel fundamental. As sociedades, nas suas relações mais profundas. estão tão próximas como sempre estiveram: fazem progredir o saber baseado na ideia de destruição, pois a guerra continua a ser um dos principais impulsionadores do progresso científico e tecnológico e, do labor em prol da destruição é diferido o conhecimento que, inegavelmente, tem aumentado o bem estar humano. mesmo que o preço dos seus serviços, o torne disponível a poucos.

A humanidade continua afastada da Sabedoria porque ela possivelmente não pode ser abarcada pelos indivíduos tal como a sua natureza nos mostra, pois esta leva-nos a confundir a Sabedoria com o conhecimento adquirido e estimula a sua procura com o recurso a processos

artificiais que, exteriormente impostos ao querer de cada um, persistem em confundir conhecimento com Sabedoria, transformando-a numa questão prática que se prende com a realização pessoal e o efectivo desenvolvimento da Humanidade.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA.

BLOOM, Harold (2008). *Onde está a sabedoria?*, trad.. Lisboa: Relógio de Água.

BLOOM, Harold (2011). *O cânone ocidental*, trad.. Lisboa: Círculo de Leitores.

CALVINO, Italo (2009). *Porquê ler os clássicos?*, trad.. Lisboa: Teorema.

COMTE-SPONVILLE, André; FERRY, Luc (2000). *A sabedoria dos modernos*, trad.. Lisboa: Instituto Piaget.

DIAS, J. Ribeiro (1998). "A procura da sabedoria em educação". In AA VV, *Filosofia da educação temas e problemas. Actas do 1 Encontro Anual de Filosofia da Educação*. Braga: UM-IEP/CEEP, pp. 9-21.

DROIT, Roger-Pol (2011). *Voltar a ler os clássicos*, trad.. Lisboa: Temas e Debates.

EL ASPERS, Karl (2003). *Os mestres da humanidade*, trad.. Coimbra: Almedina.

KIRK, G. S. & Raven. J. E. (1982). *Os filósofos pré-socráticos*, 2ª ed, trad.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

PEREIRA, M. H. Rocha (1982). *Grécia Antologia da Cultura Grega*, 4ª ed.. Coimbra: FLETC - Instituto de Estudos Clássicos.

PEREIRA, M. H. Rocha (1994). *Romana Antologia da Cultura Latina*, 3ª ed.. Coimbra: IEC - Universidade de Coimbra.

PLATÃO (1973). *Górgias. O Banquete. Fedro*, trad.. Lisboa: Verbo.

STEINER, G. (2004). *As lições dos mestres*, trad.. Lisboa: Gradiva.